

Arqueologia de um mestre

Renato Martins¹

COSTA, Marcos. (org.). Sérgio Buarque de Holanda. *Escritos coligidos – 1920-1979*. São Paulo: Perseu Abramo, 2011, 2 vols., 648 p., 496p.

Sabe-se que o historiador Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), ao lado de suas obras de fôlego, sempre escreveu artigos para jornais, revistas e demandas editoriais das mais diversas, que depois foram parcialmente reunidos em coletâneas admiráveis. O próprio autor organizou alguns deles em *Cobra de vidro* (1944) e *Tentativas de mitologia* (1979); outros foram compilados por Maria Odila Silva Dias em *Sérgio Buarque de Holanda, historiador* (1985), por Francisco de Assis Barbosa em *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda* (1988), por Antonio Candido em *Capítulos de literatura colonial* (1991), por Antonio Arnoni Prado em *O espírito e a letra* (1996) e por Marcos Costa em *Para uma nova história: Textos de Sérgio Buarque de Holanda* (2004).

Escritos coligidos, de Sérgio Buarque de Holanda, também organizado e apresentado pelo historiador Marcos Costa, reúne 146 textos fundamentais e multifacetados do autor de *Raízes do Brasil*, mas que, em grande parte, não haviam sido contemplados por aquelas publicações. Portanto, seu lançamento é animador e merece destaque: a obra, dividida em dois volumes, acolhe um vasto material produzido entre 1920 e 1979, pincelado pelo organizador durante os dez anos em que realizou pesquisa, sobretudo para sua dissertação de mestrado e sua tese de doutorado. E o resultado surpreende ao colocar o leitor diante de uma cuidadosa seleção de textos que, no conjunto, constituem uma fonte documental indispensável sobre o pensamento de Sérgio Buarque de Holanda.

É bom lembrar, mesmo rapidamente, que, desde cedo, Sérgio Buarque manteve-se bastante articulado às questões culturais e políticas

1 Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil), onde desenvolve uma pesquisa sobre a obra historiográfica de Sérgio Buarque de Holanda. Organizador do livro *Encontros – Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Azougue, 2009. E-mail: renato.a.mrtns@gmail.com

de seu tempo. Desde jovem, por exemplo, envolve-se num diálogo e atuação com o modernismo brasileiro que perdurou por décadas. Ao mesmo tempo, passa a desenvolver análises minuciosas da literatura brasileira, latino-americana e europeia, que revelam, para além da crítica de obras e autores, uma reflexão sobre controvérsias intelectuais, estéticas e políticas da época. Sem falar de seu correlato empenho em incentivar a crítica à herança e atualidade do autoritarismo no Brasil, mostrando-se favorável à efetiva ampliação da democracia entre nós.

Alguns artigos de Sérgio Buarque, produzidos a partir desta ampla experiência, estão reunidos em *Escritos coligidos*, e podem ser lidos, segundo Marcos Costa, como “um momento de pausa em suas reflexões mais sistematizadas e introspectivas para lançar o olhar, não menos atento, sobre os acontecimentos do tempo presente” (p. xiii). Basta lembrar, por exemplo, de “Pintura no Brasil” (1921) e “A moderna literatura brasileira” (1930), que ilustram as posições militantes do autor quanto à variedade de propostas acolhidas pelo modernismo brasileiro, seja em relação ao próprio movimento, seja em relação ao panorama literário e artístico do início do século XX.

Em “O mito do século XX” (1934), por sua vez, Sérgio Buarque se espanta com o postulado de superioridade racial formulado pelo nacional-socialismo ao refutar a obra *Der Mythos des 20. Jahrhundert*, de Alfred Rosenberg, um dos seus principais formuladores. É interessante notar que um juízo parecido se encontra em outros artigos, como “Clima e raça” (1950) e “Raça, cultura e clima” (1950), e que, no limite, corresponde a uma pronta aversão ao determinismo racial – e à fina percepção segundo a qual a mistura de raças era indispensável para o bom andamento do processo civilizador.

A isso se somam as reflexões de Sérgio Buarque sobre a democracia, presentes, entre outros, em “Os problemas da democracia mundial” (1949) e “A democracia e a tradição humanista” (1949). Para Marcos Costa, elas refletem uma forma de “repensar a história recente do Brasil e retomar aquilo que é o fio da meada de sua produção historiográfica: a questão da participação do povo na história do Brasil” (p. xxiii). Nessa direção, também podem ser citados, em vários aspectos, “Tradicionalistas e iconoclastas” (1946), “Inatualidade de Cairu” (1946), ou mesmo “Mentalidade capitalista e personalismo” (1947), que até trazem observações sobre o tempo presente, porém, desenhadas a partir do incômodo do autor com a herança patriarcal e personalista da colonização ibérica na vida republicana brasileira.

Mas outros tantos artigos de *Escritos coligidos* tratam, direta ou indiretamente, do processo de confecção das grandes obras de Sérgio

Buarque de Holanda. Ou seja, o perfil da coletânea é bastante marcado pela reflexão sobre os estudos históricos e literários, não raro associados a uma sólida pesquisa em arquivos nacionais e estrangeiros e, num mesmo passo, às etapas de formulação e publicação de livros como *Raízes do Brasil* (1936), *Monções* (1945), *Caminhos e fronteiras* (1956), *Visão do paraíso* (1959) e *Extremo oeste* (1986).

A começar por “Corpo e alma do Brasil: ensaio de psicologia social” (1935), onde se encontram, por um lado, as bases da interpretação histórica e ensaística do país, contida em *Raízes do Brasil*, e por outro, ideias que logo seriam adaptadas para um de seus célebres capítulos, “O homem cordial”. Ora, já neste ensaio o autor procura construir uma análise voltada tanto aos dilemas do Brasil quanto o das nações ibero-americanas, que depois será retomada e detalhada em seu livro mais famoso. Marcos Costa, aliás, recorda na introdução que esse texto quase leva o título de “Teoria da América”. Esse é um detalhe importante, pois revela a mal disfarçada ambição de Sérgio Buarque de Holanda de entender o país em um panorama continental mais amplo.

Muitos artigos ainda salientam, com efeito, a construção da obra historiográfica do autor: alguns deles, intitulados “Relíquias das monções” (I e II) (1948) e “Pré-história das bandeiras” (I-VIII) (1948) ajudam a elucidar algumas questões pertencentes a *Monções* e *Caminhos e fronteiras*, sobretudo as que dizem respeito à organização social e econômica do bandeirantismo, tocando em tópicos como o papel do comércio de populações indígenas – as “peças da terra”, como então se dizia – e a busca por metais preciosos pelos habitantes da capitania de São Paulo.

Até “Tentativa de mitologia” (1952), centrado num debate entre nosso autor e o historiador Jaime Cortesão, acaba por enriquecer, e muito, a compreensão de *Visão do paraíso*. Afinal, o artigo acolhe uma versão fragmentada de uma ideia por vezes esquecida, mas fundamental desta obra-prima: a relativa descrença portuguesa no mito do paraíso terrestre nos trópicos. Sérgio Buarque, pois, desconfia da influência decisiva da cosmologia paradisíaca no imaginário geopolítico da colonização lusitana no Brasil. Daí as críticas ao seu colega de ofício, para quem a cartografia do Novo Mundo contemporânea aos séculos XVI e XVII ilustra uma portentosa mitologia edênica, que, ao abrigar um modelo geográfico da América portuguesa similar à futura nação brasileira, influenciou fortemente na expansão continental lusitana.

Mesmo assim, isso não é tudo: o leitor ainda verá que Sérgio Buarque percorre um abrangente leque de temas, muitos deles pouco visitados por pesquisadores. A própria controvérsia entre ele e Jaime

Cortesão em torno do imaginário dos descobrimentos – aliás estendida às páginas de *Tentativas de mitologia e Visão do paraíso* – merece por certo mais atenção. O mesmo vale para a avaliação da área de estudos brasileiros, realizada por exemplo nas resenhas de títulos da importante Coleção Brasileira da Editora Nacional, ou de *Religião e mitologia Kadwivéu*, obra do então estreado antropólogo Darcy Ribeiro, comentada em “Mitologia e sociedade” (1951); por fim, podem ser destacados artigos como “Uma república não proclamada” (I-VIII) (1979), escritos nos últimos anos de vida e que, para dizer o mínimo, apresentam reflexão sem dúvida apreciável sobre o Império do Brasil.

Nesse sentido, cabe ressaltar a interessante afirmação de Marcos Costa de que a presente coletânea “traz novos elementos para uma arqueologia do pensamento de Sérgio Buarque de Holanda” (p. xiii): uma arqueologia que, em muitos aspectos, ainda precisa ser feita. Sentimos falta, por isso mesmo, de um balanço mais apurado por parte do organizador sobre o que foi e o que falta ser investigado nesses tantos e tantos artigos, escritos sob os mais diversos interesses (lembrados na presente resenha, claro, de forma parcial e aleatória). Esse aspecto, contudo, não atenua o indiscutível mérito investigativo e analítico de Marcos Costa, responsável pelos *Escritos coligidos*, importante referência para os estudiosos da história e da cultura brasileiras.